
A PRENDER O DIZER: APRENDER A DIZER*



André Winter Noble**

Resumo: *este ensaio parte dos livros Memórias do Cárcere, de Graciliano Ramos, Estação Carandiru, de Dráuzio Varella e Diário de Fernando: nos cárceres da ditadura militar brasileira, de Frei Betto, obras as quais foram escritas a partir da rememoração de cada uma dessas vidas no cárcere, seja como médico ou como prisioneiro político. A partir dessa trinca de livros e autores que se debruçaram sobre suas múltiplas e multiformes experimentações do/ no/ com o cárcere, nos debruçamos sobre o que de lá é trazido para dentro dos corpos e para fora da prisão. E trazemos essas questões a fim de alcançar a própria forma como tais cerceamentos da liberdade influem no dizer. Para tanto, nosso percurso narrativo se dará a partir do lembrar e o esquecer, atos esses que compõem todo e qualquer ato de narrar, particularmente o empregado na construção das figuras que, de dentro de tais redomas eclodem e, para lá retornam através do discurso.*

Palavras-chave: *Lembrar e Esquecer. Prender o Dizer. Soltar o Dizer.*

Nem sempre manter uma conduta favorável ao bem-estar da sociedade livre, assegura-nos o direito de permanecer junto a ela. Podemos perceber essa incerteza no interior das páginas, na mancha gráfica de uma enorme parcela das narrativas produzidas a partir de

* Recebido em: 31.05.2018. Aprovado em: 30.11.2018.

** Doutorando em Letras (Estudos de Literatura: Teoria, Crítica e Comparatismo) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutorando em Artes Visuais (História, Teoria e Crítica: Obras de Arte e seus Processos Constitutivos) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciado e Mestre em Artes Visuais (Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano / PPG — Artes Visuais) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: oandrewinn@gmail.com

condições extremas. Lembremo-nos, por exemplo, de *Memórias do Cárcere*, livro derradeiro de Graciliano Ramos, publicado postumamente, no entardecer de 1953 pela editora José Olympio. Podemos ainda perceber essa incerteza dentro das cerca de 260 páginas do notável *Diário de Fernando*, de Frei Betto. Narrativas essas, produzidas a partir de um acordo com a memória e o esquecimento que logo os arma com canetas e teclas a partir do trauma sofrido. Canetas essas que então rabiscam por entre os labirintos da memória, enredo e meada esta que por sua vez tem o próprio exercício de lembrar como monstro e assombração. É a partir desse contrato ou *contra-ato* que parecem dar-se essas narrativas, as quais foram particularmente produzidas a partir da privação da liberdade, cerceamento, sobretudo motivado por certos posicionamentos discursivos, certas preferências ideológicas. Assim sendo, se ingressarmos em alguma das primeiras edições de *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, estaremos encerrados não entre quatro paredes, mas entre quatro volumes de paredes bem grossas. Paredes que, se sobrepostas, teriam a espessura de quase mil páginas. Lemos, por entre a espessura desses muros de folhas, a dor de quem no interior de uma redoma de concreto passou, não décadas, mas cerca de dez meses (de março de 1936 a janeiro de 1937). Dez meses que precisaram sim de uma década para serem deglutidos e finalmente acessados: transformados em linguagem, notas para um romance, memórias de um período no cárcere prisional: a pequena descida de Graciliano ao inferno, sem Virgílio nem Dante. No entanto, tal como na *Comédia* dantesca, Graciliano percebe uma porção de conhecidos, não membros do alto clero, mas justamente os sujeitos que tentam desfazer os nós e amarras dadas pelos grandes proprietários da palavra, sujeitos que imperam através, também, do discurso. Não obstante, por mais que as páginas de Graciliano Ramos sejam repletas de hematomas, o que o autor nos narra são lembranças do ingresso em um dos inúmeros e multiformes infernos criados pela sociedade.

Memórias do Cárcere diagnostica a precariedade de um desses espaços de detenção e a tirania dos discursos, a violência da letra para, através dela, tê-la (a palavra). Ainda que sejam memórias, uma narrativa que confere uma espécie de sobrevida a determinado acontecimento do passado, temos que considerar a possibilidade do acréscimo de acontecimentos, mas, sobretudo da ocultação de outros tantos fatos, ocasionado seja pelo esquecimento, seja pelo trauma. Walter Benjamin é um desses faróis que nos permite atentar para essas questões, particularidades da memória e do exercício de lembrar e esquecer, movimento que (sempre ecovado nos fabulosos escritos da teórica Jeanne Marie Gagnebin) reaviva o passado, mas reencena-o e rerepresenta-o sempre entrelaçado na “poeira de nossas moradas demolidas” (*Rua de Mão Única*, 1995, p. 105), labirintado nas camadas arruinadas da memória. O passado é quiçá uma espécie de ruína encenando o próprio arrasamento, fruto do acréscimo e da exclusão, do esquecimento revivido sempre em forma de ficção, da adaptação ao vivido posteriormente e ao experienciado no momento da narração.

Muitos são os trechos do livro em que essas questões podem ser confirmadas, seja pela repetição dos acontecimentos narrativos, seja pela própria afirmação do narrador:

Respirei aliviado. Atravessamos um portão, percorremos lugares que não me deixaram nenhum vestígio na memória, desembocamos numa saleta onde um sujeito em mangas de camisa bebia chá e mastigava torradas. Não se alterou com a nossa presença: continuou sentado à mesinha,

diante da bandeja, e nem deu mostra de perceber a continência e algumas palavras indistintas do rapaz cortês. Pouco a pouco, inteirando-se de qualquer coisa, entrou a manifestar sinais de inquietação, jogando-nos de soslaio olhadelas descontentes. Tínhamos ido incomodá-lo, impacientava-se, murmurava uma recusa teimosa, falando para dentro, sem deixar de mastigar a torrada. O movimento dos queixos e o som abafado e monótono casavam-se de tal jeito que a recusa e a torrada pareciam confundir-se. E as migalhas economizadas voltavam à boca, juntavam-se às sílabas indecisas, tudo se moía num rom-rom asmático. Não me chegava uma palavra, e o desagrado apenas se revelava no gesto arrepiado, no resmungo cavernoso. O moço fez nova continência, meia-volta, veio dizer-nos que não havia ali acomodações para nós (RAMOS, 2013, p. 17).

Será que esses lugares percorridos e supostamente esquecidos pela narrativa foram realmente deletados pela memória de Graciliano ou guardariam talvez tanta violência e asco que precisam ser esquecidos ou deixados de serem ditos, mesmo numa narrativa que também depõe contra a violência dos discursos, contra os carrascos e homens das leis, contra uma sociedade criadora de covas que apartam determinados indivíduos do restante da sociedade? Ao longo do texto, Graciliano parece explorar uma série de imagens e metáforas que podem ser lidas como reflexos da violência sofrida nesses espaços ou que ao menos coloca esses espaços como horizonte de determinados sujeitos. Lembremo-nos de certa passagem em que essas figurações são replicadas em prosa:

Depois de me banhar, Mata substituiu-me - e passei algum tempo no pátio, vigiado pelo guarda, vendo rapazes atirarem bolas a cestas presas ao muro. Em seguida regressamos à sala. Dei ao faxina uma pequena lista de coisas necessárias: papel, lápis, cuecas, lenços, fósforos, cigarros, muitos cigarros e fósforos, pois isto se consumia com grande rapidez. Pedi também um rolo de esparadrapo e iodo: um abscesso debaixo da unha do indicador começava a latejar e doer muito (RAMOS, 2013, p. 21).

O abscesso aqui aparece como o guardião do asco e da total falta de cuidados com os internos desse lugar. Corpos desprovidos de sentidos sensoriais, jogados à própria sorte, apartados de suas posses, de suas vidas, de seus mundos. Sujeitos transformados em *hemoptises*, golfadas sobre os lençóis, sobre o chão, para fora do corpo da sociedade, expelidas tal como a *escherichia coli* do Dr. Espártaco M. da obra *Armadilha para Lamartine*, de Carlos & Carlos Sussekind. Corpos estranhos que precisam ser apartados do corpo para o seu “perfeito” e “sadio” funcionamento.

À direita, perto da entrada, alojavam-se as criaturas mais doentes. Em cima de uma tábua um preto novo gemia grosso e arquejava, pedindo uma injeção de morfina. Perto da grade que dava para o curral um homem pálido e magro se consumia despejando hemoptises em duas bandas de lençol presas entre as coxas. Esses pedaços de pano agitavam-se como asas feridas; a criatura exangue suave, fechava os olhos e abria a boca, sem fôlego; a esteira da cama estava coberta de manchas vermelhas (RAMOS, 2013, p. 161).

Desde o sangue que verte e macula os lençóis, até a ponta do precário lápis sobre o fino cartão, em ambos os casos, é a violência que se inscreve e que atravessa esses suportes; rasga o suporte de escrita e inscrição; dilacera o corpo que é também um desses suportes; rasga as páginas, as entrelinhas preenchidas de metáforas e imagens da violência dos discursos, da briga por entre eles.

Tinha escrito seguro o recado de Nise. As letras com efeito eram rabiscos ilegíveis, a ponta do lápis rasgara o cartão fino. Mas tinha escrito. Não me lembrava do que tinha escrito. Desejava ser animado e queria livrar-me das esperanças ridículas. Era alguma criança? (RAMOS, 2013, p. 133).

Essas são passagens que clarificam tal convicção ou evidência: ao ingressarmos no *Cárcere* narrado por Graciliano Ramos, percorremos caminhos conturbados; entramos em lugares que precisam ser apagados da memória dado as próprias e precárias condições; provamos pratos os quais não desejaremos mais de sentir o gosto, sequer o aroma, sequer o nauseabundo aspecto do prato; tocamos lugares ignóbeis da sociedade que deixarão marcas e indelévels, lugares os quais falquejam os corpos dos partícipes que vivenciam ou leem o que resta dessas vivências, sujeitos como os leitores das *Memórias do Cárcere* que, por vezes, precisam de um respiro, voltar à superfície, fracassar frente à apneia, tomar novo folego para prosseguir, voltar a ser interno, refém do discurso, prisioneiro nessas memórias. Numa enorme parcela dos relatos de aprisionamento ou cerceamento da liberdade poderemos ter tais impressões. No entanto, aqui partiremos dessas Memórias do Cárcere de Graciliano para ir ao encontro daquelas que, da mente e corpo de Frei Fernando são pela boca e gestos transferidas para a caneta e teclas de Frei Betto. Referimo-nos, particularmente ao *Diário de Fernando: nos cárceres da ditadura militar brasileira*, publicado primeiramente em 2009, pela editora Rocco. Em ambos os relatos, ficará claro que seguir à risca as palavras do profeta Isaías não assegurará ninguém da ausência no percurso por entre alguma das filiais terrenas do inferno: “aprendei a fazer o bem; buscai a justiça, acabai com a opressão, fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva” (ISAIAS 1: 17). No entanto, fazer ecoar as suas palavras na rotina parece abrandar as investidas do fogo sobre a derme. Encontrar, na Palavra Sagrada, consolo, refazer a vida desde o início, desde o Verbo. É isso o que parecem buscar parte dos prisioneiros, particularmente os freis narrados por Frei Betto a partir dos relatos de Frei Fernando.

De volta, portanto às palavras de Frei Fernando que, quase quarenta anos depois dos quatro anos suportados entre calabouços e masmorras, ganham espessura e ficcionalização nas mãos e dedos de Frei Betto: Podemos dizer que *Diário de Fernando*, ainda que parta das anotações diárias do frade dominicano Frei Fernando, constituem-se, sobretudo de apontamentos rememorados e re-allocated por Frei Betto. Soma-se a esse dado o fato de as anotações tomadas diariamente por Frei Fernando pertencerem a uma determinada época (1969 – 1973), muito anterior à escrita de Frei Betto (2005 – 2008). Há, portanto, uma oscilação entre a lembrança desencadeadora daquelas anotações de Frei Fernando em relação à transformação da memória no momento das anotações de Frei Betto. Há, ainda, não apenas a oscilação mnemônica próxima e distante espaço-temporalmente do ocorrido como também a finalidade dos discursos.

No primeiro caso, as fitinhas de papel seda enxertadas na caneta Bic trazem a público a violência conflagrada nas cadeias por aqueles que deveriam assegurar a integridade dos sujeitos

apartados da sociedade. No segundo caso, os rolinhos metamorfoseados em formato códice trazem a público, em forma de relato histórico e ficcionalizado, a lembrança e confluência da memória de dois ex-presos políticos da Ditadura Militar Brasileira. Passado com o qual o país ainda não acertou suas contas, passado com o qual tampouco declarou trégua ou armistício. Haverá sempre o que dizer (ou tentar dizer) enquanto discursos e esqueletos permanecerem soterrados.

O que é lembrado? O que é esquecido? Nesse sentido, a respeito das relações entre memória e esquecimento, caberiam muitos apontamentos de numerosos pensadores, mas somemos a isso a questão da diferenciação entre memória e imaginação e, nesse sentido, fiquemos com as palavras do teórico Michel Schneider que, em seu livro *Ladrões de Palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento*, lembra-nos de que a “própria memória é uma forma de imaginação, uma ficção que reescreve os vestígios deixados, enquanto a imaginação, por mais criativa que seja, procede da lembrança daquilo que não produziu” (SCHNEIDER, 1990, p. 19). Há, pois, uma questão que perpassa esses apontamentos a respeito da memória enquanto ficção, mas não apenas ela, como também a própria impossibilidade de narrar depois de provar ou vivenciar uma experiência limite.

Partindo dos pressupostos supracitados, poderíamos ainda pensar a narrativa *Diário de Fernando* como uma problematização, tanto do gênero “diário”, quanto da própria questão autoral desse gênero, objeto geralmente mais íntimo das gavetas do que das prateleiras. O diário é, portanto, esse baú de papel e tinta em que são guardados os segredos e as lembranças mais próximas, uma espécie de jarro de Pandora para não dizer caixa, lugar em que são postas e guardadas as dores inconfessáveis, a intimidade que se aloja e oculta entre as horas. E, chamamos a atenção para a questão autoral desse gênero literário, tendo em vista que, por mais que o livro leve o nome de *Diário de Fernando* ele é majoritariamente escrito por Frei Betto, quem acaba mesclando as suas vivências às de Frei Fernando.

Frei Betto, ao enxertar em suas mãos as de Frei Fernando, produz um movimento discursivo semelhante ao expresso e divulgado pela Bíblia Sagrada, particularmente o Novo Testamento, o qual não apenas coloca a palavra de Deus na boca de Jesus Cristo, Seu filho, como também faz ecoar em cada apóstolo a Sua voz, desde uma perspectiva rente ao solo, terrena, terrestre. Há, portanto, uma espécie de “autoridade narrativa” que perpassa essas vozes e pontos de enunciação.

Frei Betto, valendo-se dessa “autoridade narrativa” a partir de Frei Fernando, narra minuciosamente a sua experiência e cada mancha na parede das celas por onde passou, como se Frei Fernando tivesse visto os detalhes da tortura de Frei Betto, de quem nem sempre esteve perto. Talvez o movimento discursivo para o qual chamávamos atenção anteriormente se tornasse mais esclarecedor e elucidativo caso tivéssemos concluído a sentença grifando duas presenças e igualmente duas ausências. Referimo-nos ao fado de Frei Fernando ser a primeira pessoa ausente e Frei Betto a terceira pessoa presente da/na narrativa. Citemos um dos trechos em que essa presença ausente eclode na narrativa:

Betto passou vinte dias como eremita involuntário em cela solitária. No cômodo de 3 x 1m cabia apenas uma cama. Não havia água nem sanitário; era-lhe permitido ir ao banheiro apenas uma vez ao dia, às 8h. Para controlar os intestinos, amassava a comida até virar papa. Nos primeiros dias, urinava num canto da cela. Depois, graças à embalagem de plástico da firma que fornece laranjas à PM, sobremesa de todos os dias, passou a colecionar saquinho que, cheios de urina, retornavam vazios de sua única ida ao sanitário (BETTO, 2009, p. 121).

Em meio à translucidez das faixas de papel seda e os vultos na memória, eis que o mosaico ficcional se conforma, aos pedaços. E a ideia de mosaico, cara tanto a Mikhail Bakhtin, Julia Kristeva e Gerard Genette quanto a Roland Barthes e Tiphaine Samoyault pode ser percebida noutros pontos da narrativa. Referimo-nos, neste sentido, seja à construção do texto a partir de restos de memórias somados aos restos de discursos presentes nos papéis seda de Frei Fernando, seja ainda nos múltiplos estilhaços verbais lançados na narrativa pelos demais encarcerados e detentos. Sujeitos quase sem nomes, então rebatizados por apelidos, nomes de um outro mundo, realidade a qual conhecemos pelas palavras de Graciliano Ramos, Frei Betto, Frei Fernando, afora Dráuzio Varella que, a partir de sua *Estação Carandiru*, nos leva à redoma também batizada com o nome desse bairro: Carandiru.

Já que mencionamos também este nome, antes de nos encaminharmos para o final, falemos ainda dele: *Estação Carandiru*, nome que, até 1999, era destinado à estação ferroviária vizinha à Casa de Detenção de São Paulo – localizada no bairro Carandiru, na zona norte da capital paulista –, desde essa data, passa também a indicar o livro homônimo do escritor e médico Dráuzio Varella. O médico, hoje muito conhecido por suas aparições em programas televisivos, sobretudo da Rede Globo, ali relata parte de sua estada como médico voluntário daquele que foi por muito tempo considerado um dos maiores presídios da América Latina, onde Dráuzio lá atuou entre os anos de 1989 e 1999. No entanto, como o próprio autor relata na abertura do livro, ao longo das páginas é mostrado que a perda da liberdade e a restrição do espaço físico não conduzem à barbárie, ao contrário do que muitos pensam.

Dráuzio, ao cruzar o portão de entrada, a gaiola (ou ratoeira), os dois portões seguintes e chegar ao pátio de distribuição central, ou divineia, abre algumas cortinas e então nos dá a ver determinadas regiões pouco ou nada iluminadas do cilindro: seus habitantes, suas histórias, sua rotina, suas regras. Ler sobre a vida na cadeia, seja através da narrativa de Dráuzio, Frei Betto ou Graciliano é ter certeza de seu caráter de enclave, mundo cujas regras de convivência não estão escritas, mas todos às necessitam saber de cor e salteado. Entrar em cada pavilhão é saber que não se está a sonhar ou a assistir algum filme americano, dada a agressão aos sentidos. Os olhos que buscam uma fagulha na escuridão; os ouvidos que tentam não ouvir os gritos e o ringir de dentes e portas; as narinas que fecham suas pálpebras para não inalar aquele hálito; o corpo que, por fim, como um corpo estranho num organismo, pede para ser expulso pelo restante dos gélidos órgãos de cimento e aço. Ao contrário das prisões de cinema, em que as portas são gradeadas para expor os prisioneiros à vigilância permanente, na detenção, os homens trancados nas celas não são vistos por quem passa na galeria (VARELLA, 1999, p. 38).

Tal como a voz e o som dos passos dos carcereiros que, pelos corredores trazem algum tipo de “alento” para o preso esquecido entre chapas de aço e blocos de concreto, as fotos de figuras femininas acumuladas e sobrepostas nas paredes, lembram o homem de certas formas, de certa silhueta, remontam quase a cena dos bisões de Lascaux: as mais populares são as loiras de quatro fotografadas por trás, com o olhar provocante voltado para o espectador. Não há pudor em misturá-las com imagens de santos, iemanjás, nossa senhora aparecida ou o piedoso coração de Jesus, em coloridos painéis ecumênicos (VARELLA, 1999, p. 42).

Após entrar em contato com os mais de 7.200 moradores daquela penitenciária, Dráuzio nos apresenta esse mundo paralelo que só poderíamos ter acesso através do discurso, particularmente,

do discurso de um “estrangeiro” (distinção que por vezes caracteriza também Frei Betto, Frei Fernando e Graciliano Ramos) que convivera com a intimidade de cada preso e pode ter acesso a essas múltiplas identidades, singularidades, particularidades, subjetividades. Dráuzio dividiu, durante dez anos, o cargo antes destinado principalmente o carcereiro: o fio que separa a latinha do preso a latinha do mundo fora da prisão. Como impresso nas páginas assinadas pelo médico: Para o homem preso, o carcereiro representa o contato com a sociedade exterior. O nico, no caso dos que não recebem visitas (VARELLA, 1999, p. 112).

Entre as três narrativas aqui enfatizadas, apenas esta agora mencionada tem um narrador efetivamente externo, que acompanhou os presos de longe ainda que de perto. Desta forma, tal como a passagem do túnel atrás da imagem de Nossa Senhora Aparecida, narrado entre as páginas 96 e 97 da *Estoo Carandiru*, fuga a qual proporcionou a fuga de 63 detentos, também Dráuzio Varella, permite a fuga discursiva de um sem número de detentos. O autor, ao nos fornecer o seu relato de estrangeiro, cava também um túnel que leva o discurso de muitos daqueles sujeitos de volta para o mundo; Dráuzio lapida e garimpa a humanidade dos sujeitos e, ao final, na peneira de papel, ainda que as subjetividades permaneçam maculadas por sangue e espuma, o autor nos expõe um relato que transcende toda e qualquer tentativa de definição do habitante do cárcere. Carandiru torna-se também um recipiente que, criado pelo Estado, tal como uma urna funerária, guardou e, discursivamente, ainda faz jazer restos de voz e carne de um sem número de Fulanos, Sicranos, Beltranos.

Nesse sentido, já que nos referimos a nomes incógnitos, podendo pertencer a qualquer um, voltemos ao “Fulano” de Graciliano Ramos, severa designação-Severina que poderia pertencer ou ser grafada por qualquer um dos sujeitos do *Diário de Fernando*, ou melhor, “Diário de Fulano”. No entanto, Fulano não está lá, todavia é nome adotado por Graciliano Ramos em suas *Memórias do Cárcere* para batizar qualquer outro prisioneiro, podendo ainda ser o invólucro textual adotado para o narrador de *Diário de Fernando: nos cárceres da ditadura militar brasileira*. Contudo, iluminemos quatro fulanos específicos, cujas vidas foram, durante algum tempo, testemunhadas e microscopicamente rascunhadas em pequeninas fitas de papel de seda e, através de múltiplos artifícios, exportadas para além das farpadas serpentinas dos calabouços por onde passaram. Entre tantos outros sujeitos, *Diário de Fernando* lança luz sobre as vidas dos frades dominicanos Frei Fernando, Frei Ivo e Frei Betto, afora a de Frei Tito.

Esses fulanos específicos que a narrativa acompanha iniciam suas paixões no DEOPS (nov. 69) e, de l, partem em direção ao Presídio Tiradentes (dez. 69 – ago. 70). De l, os sujeitos são ainda levados para o cárcere nos Quarteis (set. 70) e, então, novamente para o Presídio Tiradentes (out. 70 – abr. 72). De l, os sujeitos são novamente deslocados, mas para a Penitenciária do Estado (mai. 72) e, logo em seguida, são conduzidos ao Carandiru (mai. – jun. 72) e, de l, finalmente para o Presídio Presidente Venceslau (jun. 72 – out. 73). Ao fim da dolorosa experiência e calvário físico e mental, eis que em 04 de outubro de 1973 os frades são libertados. Dir Frei Betto em “seu” *Diário de Fernando*:

A prisão humaniza ou brutaliza uma pessoa. Ensina-a a amar, a partilhar o pouco que tem, a suportar o sofrimento, a vencer momentos de depressão, a nutrir pacientemente a força de sua vontade e de seus ideais. Por outro lado, pode levá-la  loucura, aniquilar-lhe a moral, torná-la um pote de ódio e impulsos destrutivos (BETTO, 2009, p. 96).

Durante o período de reclusão nesses lugares, lugares onde *é difícil distinguir o limite entre bandidos e representantes da lei* (BETTO, 2009, p. 65), muitos serão os relatos de torturas e ainda inúmeros serão os pareceres a respeito das tentativas de driblar a precariedade e insalubridade dos espaços, dos alimentos, do convívio, das certezas. Ao folhearmos a capa do livro, passamos a ser também testemunhas da violência praticada pelo Estado, somos também (guardadas as devidas proporções) colegas de cela dos frades, masmorras onde o

prisioneiro naufraga na própria imaginação – “a louca da casa”, na expressão de santa Teresa de Ávila –, e desacelera o tempo. Se risca os dias do calendário, como nos cartoons, apenas prolonga sua agonia. O tempo passa mais rápido quanto menos estamos atentos a ele. Já o provou a teoria da relatividade. O velho Einstein exemplificava-a ao comparar cinco minutos ao lado da garota que se ama e cinco minutos sentado na chapa quente de um fogão... (BETTO, 2009, p. 56).

Lugares, portanto, que são como o avesso do *Wonderland* de Lewis Carroll, mas que igualmente guardam um aspecto em comum: a proximidade com o inferno de Dante, uma cratera aberta na sociedade, rasgo no qual a queda leva ao ardor do magma, magma que contempla as vontades trancafiadas pela sociedade. Nesse enclave onde o tempo e as leis obedecem a outras regras, habita os sujeitos que não trancafiaram determinados impulsos, habita aquilo que a sociedade nega e refuga. Mas o que é a sociedade senão um lugar de negação?

O que a sociedade expele vem pra cá. A prisão é como esgoto por onde passam os detritos até serem triturados ou lançados no oceano da liberdade. Ou na vala comum da morte. Aqui se misturam bons e maus detritos, e cada cela é um pequeno reservatório dessa grande represa de dejetos. Trazemos no corpo o odor quase insuportável da falta de liberdade. Enquanto aqui convivemos com ratos e baratas, lá fora a cidade consome, mastiga, tritura, digere e expele o que é jogado nesses lúgubres encanamentos de cimento e ferro, onde correm sonhos, ideais, esperanças (BETTO, 2009, p. 128).

Em meio à precariedade dos serviços e dos espaços destinados a acomodar e a alimentar essa parcela da sociedade, cresce a necessidade do improvisado, do sonho, de encenar significados a precários significantes. Lembremo-nos das missas narradas por Frei Fernando/Betto, quando no ritual improvisado utilizo, como espécie eucarística, pão e água. Se há Ki-suco, misturo-o à água; ao menos aparenta vinho (BETTO, 2009, p. 57-58). Mas o improvisado não acontece apenas no ritual ecumênico como também no passatempo dos presos que, de um pavilhão para o outro, apesar da distância, os presos falam pela mão, como os mudos, e até jogam damas, cantando os lances bem alto. Cada um tem um tabuleiro onde opera também as pedras adversárias, conforme os lances ditados pelo companheiro do outro pavilhão. Vale a confiança (BETTO, 2009, p. 185). Confiança e improvisado é tudo em um lugar onde essas são as muitas escolhas. Quando a vida é precária, a gambiarra se faz necessária:

Após muitos protestos, a administração instalou em nossa cela mesa e prateleiras. Falta mandar o eletricista melhorar a luz; de tão fraca, somos impedidos de ler à noite. Ivo, com a sua

habilidade técnica, criou um complexo sistema de balde, fios e roldanas, graças ao qual nos banhamos sobre a privada turca sem ter que, a cada momento, largar o sabonete para derramar água no corpo. Basta pisar um pedal de madeira e fazer tombar o balde encostado  mureta do sanitário. Com o p se controlam o ângulo de queda da água e o recuo do balde (BETTO, 2009, p. 125).

Quando o Estado não d condições mínimas de sobrevivência e de convivência, o indivíduo v-se obrigado a compensar o descaso dos governantes para com os cidadãos. Esses movimentos de compensação podem ser percebidos, sobretudo em *Diário de Fernando*, seja nos momentos de improviso por parte dos frades, seja nas fagulhas de compaixão exaladas por muitos presidiários, como no caso do rádio na tubulação de esgoto, narrado por igualmente por Frei Fernando/Betto:

Nesta primeira noite, após o sinal de silêncio, uma voz me chamou; custei a perceber que vinha do vaso sanitário. Alguém disse: “Pega o pano, enxugue o interior do vaso, os canos, ocos, são um bom canal de comunicação. Vou pôr o rádio na minha privada, você fique perto da sua. Que programa prefere?” Respondi que preferia música. Durante meia hora ouvi, chorando de emoção, música brega. Não gostei da música. No entanto, aquele gesto era como o braço de Deus me pegando pela mão. Rezei pela pessoa que se fez meu samaritano. Na hora de desligar, agradei e perguntei quem era. Ele disse que deixasse para lá... (BETTO, 2009, p. 185-186).

Frente a esses gestos de ternura em contraste com os de corrupção e extrema violência por parte dos carcereiros e grande parte dos demais funcionários das inúmeras casas de detenção por onde passaram os frades dominicanos e tantos outros sujeitos castigados, no caso do livro, pela Ditadura Militar, frente a isso, como distinguir “bandidos” de “cidadãos de bem”? Podemos pensar, talvez, que, por vezes, o que faz de determinados sujeitos, na prisão, mais ou menos cruéis, seria a certeza de acesso  chave em contraste com a possibilidade de diminuição do percurso de tempo até alcançá-la? Outras são as perguntas, algumas delas perguntadas inicialmente pelo/s próprio/s autor/es desse *Diário*:

*O que leva o ser humano a barbarizar o semelhante? Não é o ódio a causa primeira. Ódio é um sentimento que se sustenta no fio afetivo que liga duas pessoas. O torturador tem, por sua vítima, a mesma postura que nutre por um inseto. A raiz, acredito, reside na convicção de que, comparado ao torturado, ele é um ser superior.  livre e o outro, prisioneiro; age em nome da lei, o outro é desprovido de direitos; é a mão de ferro do Estado, e o outro, um esbulho que não merece ser considerado humano; é o poder, e o outro, um verme. Essa convicção justifica a indiferença de quem ergue o p e esmaga uma barata, como bem descreve Kafka em *A metamorfose* (BETTO, 2009, p. 100).*

Levando isso em consideração e ainda *A Metamorfose* de Franz Kafka, há uma diferença fundamental: enquanto que na narrativa de Kafka, Gregor Samsa acorda do sono como verme, como

bicho; no caso da narrativa particular de cada um dos detentos, eles deixam de ser verme, bicho através do sono, do sonho.

A penitenciária parece um cemitério de vivos [grifo nosso, fazendo ecoar a narrativa de Lima Barreto]. Pela manhã, com o céu nublado e o clima frio, quase todos dormem. O silêncio é pesado como um grito mudo de desespero. Preso s esquece as grades e encontra paz quando dorme (BETTO, 2009, p. 272).

TO CATCH A PHRASE: LEARN TO PHRASE

Abstract: *this essay is based on the books *Prison Memories* by Graciliano Ramos, *Carandiru Station* by Dráuzio Varella and *Diary of Fernando: in the prisons of the Brazilian military dictatorship* by Frei Betto, works that were written from the recollection of each one of these lives in prison, either as a doctor or as a political prisoner. From this set of books and authors who have focused on their multiple and multiform experiences of the incarceration, we look at these experiences which are brought into the bodies and taken out of prison. And we bring these questions in order to achieve the very way in which such constraints of freedom influence in saying. For that purpose, our course will be based on acts of remembering and forgetting, acts that make up the all and any act of narrating, particularly the one employed in the construction of the figures that, from within such nodes, hatch and then return through the discourse.*

Keywords: *Remembering and Forgetting. Hold the Tell. Drop the Tell.*

Referncias

BENJAMIN, W. *Rua de mo única: infncia berlinense: 1900*. Traduo e edio: João Barrento. Belo Horizonte: Autntica, 2013.

BETTO, F. *Diário de Fernando: nos cárceres da ditadura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

GAGNEBIN, J. M. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

RAMOS, G. *Memórias do cárcere*. São Paulo: Editora 34, 2013.

SCHNEIDER, M. *Ladrões de palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento*. Campinas: Unicamp, 1990.

VARELLA, D. *Esto carandiru*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.